

# Museu Eyêê Kafuba

## Casa da memória do povo Karão Jaguaribaras

*Museu Eyêê Kafuba: a house of memory for the Karão Jaguaribaras people*

Recebido em: 29/10/2024

Aprovado em: 29/07/2025

**Merremii Karão Jaguaribaras**  
(Maria Nataliana Assis Gomes)

**Gleidison Karão Jaguaribaras**  
(Francisco Gleidison Cordeiro Lima)

**Rhuan Carlos dos Santos Lopes**

[Sobre os autores >>](#)

### RESUMO

Neste artigo, apresentaremos a constituição histórica do Museu Eyêê Kafuba, organizado pelo povo Karão Jaguaribaras, localizado no limite dos municípios de Aratuba e Canindé, no estado do Ceará. Considerando o debate sobre museus indígenas, as articulações políticas em torno da afirmação de identidades e a construção de autorrepresentações a partir desses espaços, situamos a reflexão na forma como o museu é constituído, no contexto de mobilização por direitos, em que estão incluídas as narrativas históricas da presença do povo no Maciço de Baturité, uma das regiões de ocupação tradicional de povos indígenas. Para isso, nos pautamos na descrição das atividades da organização institucional e nas narrativas do povo sobre esse espaço de memória.

**Palavras-chave:** Museologia indígena; etnologia indígena; Nordeste brasileiro; etnicidade; patrimônio.

### ABSTRACT

This paper presents the historical constitution of the Museu Eyêê Kafuba, organized by the Karão Jaguaribaras people, situated on the borders of the municipalities of Aratuba and Canindé in the state of Ceará. In light of the discourse surrounding indigenous museums, the political articulations pertaining to the affirmation of identities, and the construction of self-representations within these contexts, this study situates the reflection on the museum's formation within the framework of mobilization for rights. This includes the historical narratives concerning the presence of the indigenous people in the Maciço Baturité, a region traditionally inhabited by indigenous communities. This analysis is guided by descriptions of the activities related to institutional organization and the narratives of the people regarding this space of memory.

**Keywords:** Indigenous museology; indigenous ethnology; Brazilian Northeast; ethnicity; heritage.



## Introdução

Neste artigo, apresentamos a constituição histórica do Museu Eyêê Kafuba, do povo Karão Jaguaribaras, localizado no limite dos municípios Aratuba e Canindé, no estado do Ceará. Considerando o debate sobre museus indígenas, as articulações políticas em torno da afirmação de identidades e a construção de autorrepresentações a partir desses espaços (Gomes; Vieira, 2014; Santos, 2016; Oliveira; Santos, 2022), procuramos refletir sobre como o Museu Eyêê Kafuba é constituído no contexto de mobilização por direitos, em que estão incluídas as narrativas históricas da presença do povo no Maciço de Baturité – uma das regiões de ocupação tradicional de povos indígenas.

O Museu Indígena Eyêê Kafuba é compreendido como um espaço dedicado à preservação e promoção da cultura e da memória Karão Jaguaribaras. Sua denominação, na língua materna do povo, traduz-se como “casa da memória”, e se refere a uma expressão cultural que simboliza a relação profunda entre a natureza e a identidade indígena, trazendo encravadas em si as lutas pela defesa do território em diversos períodos, além dos atuais processos de demarcação. É um espaço que visa salvaguardar, documentar e contar a história do povo e suas tradições, de maneira acessível e educativa, ao mesmo tempo que é entendido como um espaço de diálogo intercultural. Recentemente, houve a criação do Laboratório de Línguas Ybutritê, integrado ao museu e destinado às pesquisas e registros do idioma materno Karão Jaguaribaras, o que amplia o alcance desse equipamento cultural.

Marcada por resistências e adaptações diante de diferentes pressões sociais e políticas, a trajetória histórica dos Karão Jaguaribaras remonta a complexos episódios ao longo de séculos. A cultura do povo é alimentada por histórias vivas, em oralidades, rituais, acervos materiais e biológicos, além da profunda conexão com a terra. Esse contexto não apenas molda a identidade do nosso povo, como também promove uma valorização de tradições que são essenciais na atualidade. O Museu Eyêê Kafuba, além de documentar narrativas, ajuda a manter viva a memória coletiva da etnia Karão Jaguaribaras.

Este artigo se propõe a refletir sobre a importância desse espaço mnemônico, analisando como o povo em questão compreende a memória como uma entidade viva, que também integra o museu e é fundamental para a existência coletiva. A partir de uma análise do acervo presente e da integração entre tradição e modernidade, discutiremos o papel do Eyêê Kafuba como ferramenta de preservação cultural e de uma prática para a perpetuação de saberes ancestrais na contemporaneidade. Pretendemos também abordar a relação entre memória, identidade e cultura na visão do próprio povo, tomando o Museu Eyêê Kafuba como fonte de análise, acrescentando abordagens teóricas que discutem a memória coletiva no Kalembe – o território tradicional Karão Jaguaribaras.

## Museus indígenas, memória e patrimônio

A presença expressiva de objetos em instituições museais tem relação direta com o movimento colonial. Normalmente, as coleções remetem à história dos povos que as produziram e informam sobre seus processos de criação, uso e, por vezes, descarte das peças (Ferreira, 2015, p. 81). São, portanto, sugestivas da relação das sociedades com a cultura material, manifestando de forma concreta as relações sociais (Lima, 2011). Por outro lado, o colecionismo dos museus também registra o histórico de sua formação, frequentemente associado às invasões de território ou aproximações com povos inseridos forçosamente no mundo colonial, alocados em um passado distante e, por vezes, primitivo, segundo o discurso científico (Fabian, 2021). Os museus, então, se formam no contexto de consolidação das nações, sejam elas europeias ou americanas (Oliveira; Santos, 2022).

Nessas instituições, tradicionalmente, as peças são divididas nas categorias etnográfica e arqueológica, considerando, respectivamente, a coleta no contexto de uso do povo e a retirada de sítios arqueológicos (Van Velthem, 2012). Quando se trata de pesquisa realizada por acadêmicos não indígenas e, em particular, no que diz respeito às coleções etnográficas, as relações entre pesquisador e grupo pesquisado passam por uma longa trajetória de seleção, per-

formances e registros (Fabian, 2021). Por outro lado, um conjunto recente de pesquisas tem demonstrado que o colecionismo, como prática social, ultrapassa os museus. Moradores de áreas próximas a sítios arqueológicos, por exemplo, selecionam peças de relevância para seus acervos pessoais, pautando-se em uma dimensão sensorial que condiciona a escolha dos objetos, o que, de fato, permite a fruição com o passado. Paralelamente, esses pequenos acervos contribuem para a preservação dos objetos e informam sobre as narrativas explicativas acerca de suas origens e usos (Bezerra, 2011).

Esses acervos, portanto, sejam de museus coloniais ou de museus domésticos/comunitários/indígenas, têm em comum a noção elementar de coleção: grupo de objetos com algum tipo de identidade, que, a partir da reunião intencional, pelo colecionador, são vistos como únicos (Pearce, 1995). Quando não associadas a instituições museais, essas coleções são entendidas como domésticas e são comuns, mas não exclusivas, às comunidades situadas em áreas com sítios arqueológicos (Bezerra, 2011). Por outro lado, as coleções de museus indígenas ou comunitários tendem a ser formadas a partir de indivíduos interessados em colecionar artefatos relevantes a determinado povo ou comunidade (Santos, 2016). Em todos esses casos, pode-se observar a relação biográfica do objeto com o colecionador, na medida em que as narrativas do indivíduo se relacionam com a biografia do objeto (Hoskins, 1998). Sendo assim, a relação de afeto entre o colecionador e os artefatos é mediadora da constituição da coleção (Oliveira; Santos, 2019).

Museus indígenas, idealizados e organizados por povos originários, surgem em interlocução com as práticas museais mencionadas anteriormente. Contudo, o surgimento dessas instituições ocorre, em particular, em outro contexto: o do enfrentamento às narrativas essencializadoras sobre povos nativos, sob a afirmação de identidades e a construção de autorrepresentações (Oliveira; Santos, 2022). O crescimento do número de museus indígenas no Brasil está relacionado a esse contexto amplo. Revisões nas abordagens das exposições, participação ativa de pessoas indígenas na elaboração de propostas museais, requalificação de museus, bem como parcerias com pesquisadores e instituições de pesquisa têm sido possíveis em função das articulações de coletivos indí-

genas em todo o Brasil (Oliveira; Santos, 2022; Gomes; Vieira; Cury, 2016; Gomes; Neto, 2018). Na região Nordeste, em especial, o protagonismo desses povos na elaboração de instituições museais tem tomado destaque, incorporando narrativas próprias sobre processos históricos de diferentes grupos étnicos e provocando problematizações no campo da museologia, na antropologia e nas condições de formação de coleções etnográficas (Gomes, 2016). Um exemplo é o Museu Kanindé, localizado no Maciço de Baturité, no município de Aratuba, no Ceará, descrito como espaço “de preservação da memória, servindo às finalidades de pesquisa e também à divulgação da cultura” (Santos, 2016). A experiência de museus indígenas nesse estado é expressiva, conforme manifestado na Rede Cearense de Museus Comunitários, que, por sua vez, integra instituições formadas em contextos políticos diversos (Gomes; Vieira, 2014). Além disso, há significativa participação de representantes de museus indígenas do Ceará na Rede Indígena de Memória e Museologia Social do Brasil (Gomes; Neto, 2018).

Dessa forma, tais instituições museais articulam as categorias patrimônio e memória como ativadoras do debate e das ações anteriormente apresentadas. Conforme destaca Regina Abreu (2007), a memória é o ato de lembrar e o ato de esquecer. Ainda, Halbwachs (2006) argumenta que a memória tem uma dimensão coletiva, visto que, ao ser narrada a partir das experiências pessoais de sujeitos, estrutura-se sobre as percepções de seus pares. O autor argumenta que toda memória individual é, em essência, uma memória social conectada ao passado vivido de indivíduos. Nesse sentido, concordamos com o argumento de Sandra Jatahy Pesavento (2005), para quem a memória tem o poder de resgatar diferentes temporalidades acumuladas no espaço. A historiadora reforça a capacidade da memória de vincular experiências individuais e coletivas em um contínuo temporal e espacial. É assim que podemos entender o poder evocativo de objetos e, por conseguinte, do patrimônio: ambos como suportes para a memória (Abreu, 2007).

O conceito de *patrimônio* é aqui entendido como uma categoria, uma ferramenta analítica, em particular na Antropologia – disciplina sobre a qual situamos o debate levantado neste artigo. De forma geral, a concepção de patrimônio diz respeito aos bens que

constituem referência às identidades de sujeitos. Para além do uso dessa categoria na legislação e na formação de Estados nacionais, pensamos o patrimônio junto aos povos indígenas e seus museus sob uma perspectiva polissêmica, em sociedades e tempos diversos. O patrimônio, além disso, é um fato social total, visto que tem diferentes dimensões, práticas e instituições sociais aparentemente distintas, mas representativas de determinado grupo social, tais como música, culinária, arquitetura, moralidades, estética etc. Do ponto de vista das perspectivas consideradas nativas, quando se fala em patrimônio, tais dimensões não são independentes (Gonçalves, 2009).

Evidentemente, mais do que ter uma lógica própria para formar coleções museais, povos indígenas articulam suas noções de história, de patrimônio e de memória pela reelaboração de suas epistemologias nos contextos contemporâneos, conforme veremos a seguir.

## O eterno lembrar e seus lugares

O território indígena Karão Jaguaribaras é chamado de Kalem-bre. Nele, um conjunto de leis éticas e cosmológicas criadas pelos ancestrais ainda hoje é seguido pelo povo, como uma filosofia de vida coletiva. A palavra se constitui da seguinte maneira: o termo Ka tem significado espiritual de complemento ao ki, que se refere ao material (corpo e suas utilizações), e é associado a lembre, uma referência ao eterno lembrar, aquilo que não se pode esquecer. O termo Kalem-bre também pode ser interpretado como “o meu sentimento por vocês”, ou seja, a representação do coletivo, no sentido de uma gigantesca família que convive com plantas e animais, com planetas, além de com corpos e espíritos; é tudo o que está no contexto da vida e, excedendo-a, das energias cósmicas. Dessa forma, é um território sagrado para o povo e, por isso, é considerado patrimônio e uma extensão do museu. O Kalem-bre, portanto, alcança todo o atual território do Maciço de Baturité, além das áreas da depressão sertaneja do entorno. É nesse espaço físico que estão a aldeia Feijão, local do museu aqui destacado, e as diferentes casas de mem-

bro do povo, situadas nos atuais municípios dessa região. É nesse espaço que o grupo indígena aponta seus locais de memória e articula suas atualizações.

Nora e Khoury (1993), ao refletirem sobre a tensão diante das transfigurações abruptas das tradições nas sociedades modernas ocidentais, observam a criação de diferentes espaços nos quais a memória passou a ser preservada. Museus, memoriais, áreas urbanas ou rurais, ruas, monumentos, celebrações e arquivos são espaços nos quais se estabelecem cadeias discursivas que criam lugares de memória, à medida que são transformados em marcos de referência, momentos históricos, tradições e identidades. Neles, é experienciada a dimensão coletiva da memória, inclusive de forma imersiva. Conforme vimos anteriormente, para Halbwachs (2006), o alcance coletivo da memória está associado às experiências de indivíduos na sociedade, mas em relação à percepção coletiva.

Na concepção Karão Jaguaribaras, a noção de lugar de memória é mais ampla. Assim, a memória é entendida como um elemento central para a preservação da cultura e da identidade coletivas. Ela não se restringe ao passado distante ou a recordações de fatos históricos, mas é uma entidade viva e presente, que se entrelaça com o cotidiano e com a existência de cada indivíduo do Kalem-bre. Trata-se de mais do que um simples processo psicológico que permite guardar experiências, como sentimentos, imagens, ideias e até mesmo acontecimentos. No Eyêê Kafuba, a memória é uma força vital que guia práticas, valores e é referência materializada em formato de acervos.

Nesse contexto, o conceito de *matéria da memória* se destaca, pois os acervos expostos no espaço em questão deixam de ser apenas objetos físicos para se configurar como representações das vivências, tradições e valores, de forma atemporal, expressos em matéria, de modo que as leis internas do Kalem-bre são mantidas vivas. A memória também é tomada como registro de fatos importantes, daquilo que não se deve esquecer. Cada peça carrega histórias que conectam os visitantes do espaço com as trajetórias vividas por nossa etnia, em tempos distintos, transformando a memória em algo palpável, acessível e passível de ser compartilhado.



Eyêê Kafuba traduz-se, em nossa língua materna, como “casa da memória”. Os objetos ali contidos, desde utensílios do cotidiano até itens cerimoniais, funcionam como veículos que transportam os visitantes para o universo cultural da memória Karão Jaguaribaras. Em síntese, a relação dos artefatos com a memória é um processo dinâmico e multifacetado. A mobilidade e a sistematização mnemônicas, por meio desses objetos, traduzem a forma como nos organizamos, convivemos e nos comportamos diante das mudanças impostas pelo tempo. No Kalembre, a memória não está presente apenas em acervos, monumentos, arquiteturas ou em locais físicos feitos por mãos humanas. Ela reside em diferentes corpos, práticas e nos rituais cotidianos. Ao mesmo tempo, o conceito de memória não se refere apenas às características humanas. As paisagens, constelações, rios, árvores, solo, animais e territórios, todos são lugares e seres que concentram memórias vivas, capazes de gerar histórias e conhecimentos que ultrapassam os limites da materialidade.

Neste território, a memória é vista como uma entidade sagrada que participa diretamente da existência do povo. Ela não é apenas um reflexo do que foi, mas uma força ativa que molda o presente e o futuro. Os “troncos velhos”, que são os anciãos guardiões da memória, são respeitados como depositários desse patrimônio imaterial. Por meio deles, a memória é compartilhada, com histórias orais, cerimônias, ensinamentos práticos e materiais físicos, como artesanatos, obras de arte, cestarias e outros saberes. Essa transmissão não é estática, mas adaptativa, o que permite fazermos atualizações de nosso repertório cultural à medida que novas experiências são vividas, sem perder de vista os fundamentos da tradição.

A memória ainda se manifesta através de artistas do povo. As taowás (grafismos e pinturas) Karão Jaguaribaras carregam em si narrativas e saberes ancestrais. Esses elementos visuais são repositórios de histórias que representam a conexão do povo com o território, os espíritos da natureza, os antepassados, o cosmo etc. O processo de criação e utilização dessas formas artísticas de expressão é um ato de rememoração no qual a arte se torna um veículo de memória coletiva. Dessa forma, a produção artística Karão Jaguaribaras não é apenas estética, mas está profundamente ligada à manutenção da identidade cultural e histórica do povo.



Na taowá intitulada *Memória*, é possível observar a maneira como a emanção da fonte da sabedoria ancestral se expressa por meio de elementos visuais. As formas orgânicas e os padrões repetitivos representam a conexão com o território, as tradições espirituais e a natureza, demonstrando, ainda, que a memória não é um conceito abstrato, mas uma entidade viva que se manifesta em cada aspecto da vida cotidiana. Assim, a “memória não possui pontos centrais, mas em sincronia pode adquirir formas” (Karão Jaguaribaras, M., 2023a, p. 30).



**Figura 1. Taowá Memória, de Merremii Karão Jaguaribaras.**

Fonte: Karão Jaguaribaras, M. (2023a, p. 29).

A memória é a base da existência. Sem ela, não haveria continuidade cultural, nem um sentido de pertencimento. Ela orienta as práticas do presente e fortalece a coesão social, proporcionando um senso de identidade compartilhada. O museu indígena Eyêê Kafuba reflete essa importância ao criar um espaço onde o passado, o presente e o futuro se entrelaçam, garantindo que a memória não seja perdida, mas continuamente revigorada, adaptada e transmitida para as próximas gerações.

## A agenda de pesquisa do povo Karão Jaguaribaras

A construção da memória junto ao povo Karão Jaguaribaras ocorre de forma coletiva e se manifesta em diferentes suportes, tais como nas narrativas dos “troncos velhos”, nas casas e roças, nas antigas áreas de habitação, nos espaços sagrados das serras e seu entorno, nos rios, na língua materna. Os recursos para registro e atualização dessas memórias têm sido atualizados nos contextos de invasão do território, configurando motivo de enfrentamento e resistência do povo. Uma dessas formas de enfrentamento diz respeito às investigações junto às universidades. A formação acadêmica, tal como para outros povos indígenas no Brasil (Fernandes, 2015, p. 322), instrumentalizam os saberes ocidentais para uso junto às demandas dos Karão Jaguaribaras, estabelecendo uma agenda própria de pesquisa (Smith, 2018). Isso permite uma qualificação bilateral do povo.

Foi com esse intuito que alguns estudantes Karão Jaguaribaras, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), passaram a articular pesquisas arqueológicas e antropológicas que auxiliam na construção da história da região, colocando seu povo em evidência e visando à proteção de seus patrimônios. Ao longo de dois anos, em parceria com a referida universidade e junto ao Grupo de Estudo com Povos Indígenas (Gepi/Unilab-CNPq), foram desenvolvidos os projetos de pesquisa “Etno-história, Arqueologia e povos indígenas no Maciço de Baturité, Ceará” e “Identificação de sítios arqueológicos no Maciço de Baturité, Ceará”. No primeiro caso, a proposta foi realizar o levantamento de documentos históricos primários, de dados secundários arqueológicos e de narrativas orais acerca da presença de povos indígenas no maciço. A pesquisa foi proposta em diálogo com o povo e sua demanda por produção de conhecimento histórico e antropológico. O objetivo do segundo projeto foi identificar sítios arqueológicos na região. Para isso, foram realizados levantamentos históricos e de informações orais junto à população local, bem como prospecção de superfície nas áreas com maior potencial, além de delimitação de sítios arqueológicos, por meio de georreferenciamento, registro fotográfico e registro descritivo dos sítios identificados. Em ambos

os casos, o segundo autor deste artigo, Gleidison Karão Jaguaribaras, foi bolsista de iniciação científica.

Associado a isso, na movimentação de qualificar e salvaguardar o patrimônio Karão Jaguaribaras, foram produzidos textos apresentados nos congressos da Sociedade Brasileira de Arqueologia (SAB), respectivamente, de 2020 e 2021, como “A arqueologia pública como ferramenta na/para proteção dos bens materiais e imateriais do povo Karão Jaguaribaras da Serra de Baturité” (Karão Jaguaribaras; Lopes, 2021) e “Sítios arqueológicos, história indígena e etnogênese no Maciço de Baturité, Ceará” (Karão Jaguaribaras; Lopes, 2022). Ademais, foi elaborado um trabalho de conclusão de curso intitulado *Povos indígenas e sítios arqueológicos no Maciço do Baturité, Ceará: a arqueologia indígena do povo Karão Jaguaribaras* (Karão Jaguaribaras, G., 2023), e está em fase final, no momento da escrita deste artigo, uma dissertação de mestrado, na Universidade Estadual do Ceará (Uece), que aborda a diversidade de métodos do povo na proteção do sagrado, na luta e manutenção da cultura.

Esses projetos têm a relevância de produzir diálogo com as epistemologias do povo Karão Jaguaribaras. Nesse sentido, a produção acadêmica da história indígena não se limita aos levantamentos de documentos escritos de origem não indígena, mas busca sua memória, que é reproduzida pela tradição oral e apresenta uma lógica interna (Cunha, 1992). Essa abordagem é importante para se pensar as categorias sítios arqueológicos e patrimônio para o povo. Conforme argumenta Ana Flávia Santos e João Pacheco de Oliveira (2006), sítios arqueológicos são referências materiais nos movimentos étnicos de povos indígenas. A memória social desses grupos aponta para a existência de marcos físicos e espirituais que se manifestam nesses espaços. Além disso, do ponto de vista da pesquisa arqueológica, esses sítios devem ser pensados nos processos de territorialização pelos quais os povos originários têm passado (Oliveira, 2015).

Desse modo, é possível acompanhar o processo de ocupação territorial do Maciço do Baturité por meio das narrativas dos Karão Jaguaribaras, as quais apontam para lugares sagrados. Ao analisar essa dimensão geográfica de patrimônio apontada pelo povo, tor-

na-se evidente o panorama de uma ocupação que vem acontecendo desde tempos imemoráveis até os dias atuais. Os sítios arqueológicos, para o povo, são resquícios de cultivos, uma vez que se cultivam os mortos, os vivos, os encantados etc., assim como as plantações. Seguindo essa lógica, esses espaços são considerados partes do corpo, os resquícios de episódios são como cicatrizes ou adereços corporais: cada pedaço do território tradicionalmente ocupado é sagrado e é, para o povo, um grande museu.

Devido aos conflitos gerados por projetos econômicos e políticos predatórios presentes no Maciço do Baturité, há cautela em apontar alguns desses sítios arqueológicos, pois, comumente, eles são atacados e depredados a fim de negar a existência nativa. Ainda, tendo em vista que, até o momento, não foi possível registrar os sítios identificados junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), abordaremos somente alguns desses espaços sagrados. Minimamente, podemos apontar: o Poço da Moça – que contém arte rupestre, está localizado no município de Baturité e foi identificado na segunda metade do século XX (Sobrinho, 1956) –; o Morro da Cabeça da Onça – que contém gravuras em baixo relevo descritas como os pés de Ybutrité, no município de Aratuba –; os registros líticos na localidade do Gonçalves, também em Aratuba; acampamentos localizados na Pedra da Isabel, no município de Palmácea; pinturas rupestres no Kalembe (Aldeia) Feijão; vestígios que indicam ocupações europeias sobre o território tradicional Karão Jaguaribaras e cemitérios indígenas espalhados em toda a região (Karão Jaguaribaras, G., 2023).

Para além disso, a primeira autora deste artigo tem desenvolvido pesquisas acadêmicas sobre a arte do povo, analisando a diversidade existente no universo da arte indígena e, dentro dele, as expressões artísticas Karão Jaguaribaras, por meio das taowás (grafismos e pinturas), que carregam, em sua essência, a conexão com vários mundos. Nessa pesquisa, Merremii Karão Jaguaribaras reflete sobre a forma como a arte indígena sofre restrições em espaços de produção artística fora das aldeias, além de ser impactada por termos genéricos na sua descrição. Diante do avanço colonial e do cerco da sociedade nacional, a arte tem sido um dos elementos para conectar identidades e território, reestruturando novamente



o povo na própria terra outrora tomada, violada e cujos ancestrais foram assassinados, sendo o território banhado com sangue nativo. Assim, a pesquisa possibilita investigar uma expressão artística rica e viva, existente no território cearense como herança cultural, e a necessidade de externar esse conhecimento a fim de quebrar estereótipos e generalizações sobre os grafismos e pinturas. A pesquisadora o faz a partir das experiências vivenciadas no circuito acadêmico e nos ambientes artísticos, os quais ela nunca imaginou acessar ou ocupar como artista indígena. Ter percebido a timidez de artistas indígenas nesses espaços a instigou a pesquisar que fenômeno é esse que causa essa falta em larga escala (Karão Jaguaribaras, M., 2023b).

Nesse contexto, a pesquisadora Merremii Karão Jaguaribaras obteve uma análise das estratégias de sobrevivência da arte e de artistas indígenas, que por séculos vêm sendo violentados por ideologias empregadas a partir do universo eurocêntrico, principalmente decorrentes das limitações de acesso a determinados espaços, e por políticas sociais que não raro se apresentam de formas contrárias às populações etnicamente diferenciadas. Ainda, é de se destacar a falta de diálogo, que pode ter ligação direta com a falta de informações, sem levar em consideração a diversificação como um todo e a particularidade de cada grupo (Karão Jaguaribaras, M., 2022; Karão Jaguaribaras, M., 2024). Desse modo, concordamos com a perspectiva de que as manifestações artísticas são “centrais para a compreensão da vida em sociedade”, na medida em que exprimem a concepção do grupo acerca “da pessoa humana, a categorização social e material e outras mensagens referentes à ordem cósmica” (Vidal, 1970, p. 133).

Mais que elencar projetos e publicações, as ações de pesquisa anteriormente referidas situam a articulação do povo com o mundo universitário a partir da atuação de pesquisadores Karão Jaguaribaras. Os projetos e pesquisas realizados têm contribuído significativamente para o entendimento da etno-história, da arqueologia no território Karão Jaguaribaras e do Maciço do Baturité na sua totalidade, bem como da arte nos processos identitários e na construção do corpo e da pessoa. A colaboração entre o povo indígena e as universidades não apenas ampliou o conhecimento acadêmico,

mas também reforçou a importância da preservação e valorização do patrimônio cultural dos povos originários. Os registros feitos durante os estudos aqui referidos fornecem uma base sólida para futuras investigações e ações de preservação. Nesse sentido, dialogam com a construção da memória a partir da incorporação de outros recursos explicativos.

## O Museu Eyêê Kafuba

A prática de preservar artefatos, presente em todas as culturas, revela a dinâmica da vida, que se transforma ao longo das eras. O Museu Eyêê Kafuba assume uma dimensão pedagógica ao organizar e concentrar, em um espaço de referência, uma amostra dos costumes do povo Karão Jaguaribaras por meio de seus artefatos. Além disso, cumpre o papel de salvaguardar peças ameaçadas pela deseducação e pelos conflitos que provocam a instabilidade territorial e, conseqüentemente, insegurança patrimonial.

A existência e a manutenção de um espaço dedicado à preservação de objetos sagrados, especialmente aqueles utilizados em rituais, constitui uma prática ancestral do povo e é, por si só, uma forma de resistência e continuidade cultural diante das ameaças contemporâneas.

A origem deste museu está ligada a um trágico ataque ao acervo e a uma figura de grande relevância, que o preservava à época: Py (tio) Zé Moura, falecido em 1984, que, até a década de 1970, era o responsável por reunir e salvaguardava objetos em um espaço que o povo denomina Kaw(f)uba. Esse local abrigava artefatos sagrados, como plantas, panelas, machados, sementes, pedras místicas, entre outros. Também continha a chamada casa das flautas, onde eram guardados os instrumentos ritualísticos associados à cosmologia da criação da vida.

A arquitetura da casa de memória incorpora os elementos construtivos do povo, com estrutura de madeira revestida de palha, expositores feitos de estaleiros rústicos de varas e algumas mesas chamadas de *girâl*, nas quais se colocavam, de forma bem ordenada, as peças. Esse equipamento cultural tradicional foi atacado

por moradores não indígenas, tendo sido incendiado, o que provocou a perda de grande parte do seu acervo.

Esse evento não encerrou o hábito de montar coleções com o registro da história e das atividades cotidianas que caracterizam a vida do povo. Como forma de resistência, o espaço de memória foi reconfigurado, passando a ser localizado em vários cômodos das casas dos Karão Jaguaribaras, até o ano de 2023. Devido à alta relevância de algumas peças para a cultura do povo, a necessidade de um espaço que as mantenha protegidas sempre apareceu como uma demanda importante. São exemplos desse acervo em constante transformação: peças que remontam a momentos ritualísticos, como flautas e outros instrumentos musicais, vestes sagradas e bebidas; objetos de períodos líticos, louças, material cerâmico, cachimbos, sementes e adereços tradicionais; material zoológico e elementos das práticas de cuidado à saúde do povo, além de artefatos que remontam a eventos históricos relevantes, como a machadinha de pedra utilizada no ato de assinatura de acordo de paz, no período colonial.



**Figuras 2 a 5: Objetos das coleções do povo Karão Jaguaribaras guardados em suas residências.** Crédito: Rhuan Carlos Lopes, 2023.



Após 53 anos, um prédio específico passou a reunir o acervo e as atividades a ele associadas, ampliando o acesso do público a outros grupos étnicos. Hoje, o museu está certificado pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) como ponto de memória e, recentemente, passou por uma reforma apoiada pela Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (Secult-CE), por meio do Edital Ceará da Cidadania e Diversidade Cultural – Museus Comunitários: Memória e Patrimônio. Com o apoio da Cultural Survival, via Fundo Keepers of the Earth – Guardiões da Terra, foram construídos mais cômodos, incluindo o recém-criado Laboratório de Línguas, e o espaço está dividido da seguinte maneira:

- Espaço de Memória (museu): ambiente que salvaguarda memórias e artefatos arqueológicos, etnográficos e ritualísticos;
- Sala receptiva: espaço para reunião interna;
- Sala de computação: equipamentos de uso de pesquisa da língua materna e afins;
- Biblioteca: espaço de leitura;
- Banheiro;
- Alpendre para projeção audiovisual.

O formato atual do museu contou com o apoio das próprias comunidades do povo, que forneceram a base fundamental, tanto no planejamento quanto na curadoria das exposições, e de alguns apoiadores, como antropólogos, historiadores e sociólogos. A ideia era criar um espaço que não apenas mostrasse os artefatos, mas também contasse as histórias e tradições de forma autêntica.

Apoios como os citados evidenciam o compromisso com a diversidade linguística, cultural e museal. O Museu Eyêê Kafuba é, no Brasil, o primeiro equipamento cultural construído em uma aldeia indígena com um laboratório específico para estudar a língua materna de um povo. Esse laboratório não é apenas um espaço físico, mas uma ponte para o futuro, garantindo a permanência das línguas e tradições preservadas. A iniciativa do espaço de memória de ter um laboratório coloca em destaque a importância da valorização das línguas indígenas e dos acervos bibliográficos, reconhecendo-as como um elemento fundamental da identidade e da história do território dos Karão Jaguaribaras.

Essa iniciativa partiu da necessidade de ampliar e adequar o espaço, a fim de dar continuidade às práticas existentes. O museu é projetado para facilitar a interação e a colaboração entre o povo e os visitantes externos, promovendo um ambiente de interculturalidade, aprendizado coletivo e apoio mútuo. Soma-se a isso o fato de que a implantação do laboratório de línguas Ybutritê representa um passo significativo para a preservação cultural e educacional do Kalembe. Ao promover o estudo da língua, estamos salvaguardando nossa herança cultural e proporcionando às futuras gerações um elo íntimo com nossas tradições. Também com o recurso desses editais, foi produzida uma cartilha didática que servirá de apoio pedagógico ao povo. Nela, há conteúdos que abrangem desde a gramática, lexicologia e glossário, até aspectos culturais ricos e variados, voltados à escrita, cultura e memória do povo.

O povo Karão Jaguaribaras considera que o que hoje é chamado de presente foi o futuro de nossos antecessores, assim como nosso presente será o passado de nosso futuro. Pensando assim, o espaço físico faz com que os jovens e as crianças se aproximem de seus antepassados por meio dos artefatos. Dessa forma, é possível ter mais um meio de salvaguardar e manter a tradição de deixar um pertence, que servirá de amostra de memória para o futuro, dando continuidade a essa corrente.



**Figura 6. Museu Eyêê Kafuba: Casa da Memória.**

Crédito: Gleidison Karão Jaguaribaras, 2024.



**Figuras 7 e 8. Reinauguração do novo espaço do Museu Eyêê Kafuba: Casa da Memória.** Crédito: Merremii Karão Jaguaribaras, 2024.

O acervo do Museu Indígena Karão Jaguaribaras continua sendo atualizado por um processo colaborativo que envolve a participação ativa do povo na doação de peças, bem como a coleta de relatos orais, que representam a cultura, a história e a memória. O museu tem o importante papel de exceder a exposição de artefatos: ele atua como um guardião das tradições ao promover ações de conservação, registros de momentos e do conhecimento ancestral do povo Karão Jaguaribaras. Ao promover ações de conservação e valorizar a cultura local, se torna um protagonista na luta pelos direitos indígenas e pela visibilidade de nossa existência. Desse modo, as exposições do acervo do Museu Eyêê Kafuba são diversas e refletem a riqueza cultural do território.

Espaços museais como o Eyêê Kafuba são pensados a partir de dois pilares principais, e com tratamentos específicos para cada um: o espaço físico de concentração das peças, com proteção às mais delicadas, e os espaços abertos no território, que são marcos da trajetória histórica do povo. Estes fazem parte de uma estrutura que salvaguarda todos os locais importantes para os Karão Jaguaribaras e isso já se contrasta com as lutas pelo território, que vêm se arrastando desde o início da colonização. Também são salvaguardadas matas e plantas medicinais usadas para fazer bebidas ritualísticas.

O museu é visto como parte do corpo que envolve a nação Karão Jaguaribaras. É uma espécie de diário que registra acontecimentos, vivências, histórias e memórias; entendemos o patrimônio como uma corrente que liga o passado ao futuro – são vidas, não só as das figuras indígenas em si, mas as de todos os seres, que correm nas veias, por meio de energias ligadas pelo sangue, tal como os

seres da mata e os encantados que nos guiam. Os espaços materiais e imateriais de memória que narram a história e a organização social do povo, bem como seus modos de ser/estar, se expressam por meio de fatos marcantes vistos no acervo. Eles têm raízes profundas e de suma importância às orientações do povo e, por isso, são utilizados para a aprendizagem das futuras gerações. Assim como cada pedaço do território tradicionalmente ocupado é sagrado, os espaços materiais e imateriais são parte do povo: eles orientam os membros da comunidade por meio de ações, de acordo com a forma de vida do Kalembre. Dessa forma, estabelecem uma conexão que vai da gênese aos modos de vida na contemporaneidade.



**Figuras 9 e 10. Instrumentos musicais ritualísticos e vasilhas cerâmicas.** Crédito: Gleidison Karão Jaguaribaras, 2024.



**Figura 11. Fauna do Kalembre.** Crédito: Gleidison Karão Jaguaribaras, 2024.





**Figura 12. Rochas do Kalembe.** Crédito: Gleidison Karão Jaguaribaras, 2024.

## Conclusão

Conforme visto ao longo do artigo, o Museu Eyêê Kafuba, do povo Karão Jaguaribaras, tem uma longa trajetória histórica. A sua existência informa sobre o conjunto de ações do povo para a construção constante da memória, como aquilo que é vivo, que se manifesta em cada aspecto da vida cotidiana. Nesse sentido, o museu é uma entre tantas formas de manifestação da entidade sagrada que é a memória. Ela está presente, como vimos, no território, nos seres que o conectam, nos sítios arqueológicos e no patrimônio cultural. O repertório da coleção museológica, que tem sua formação ligada ao colecionismo de diferentes membros do povo, sugere o alcance da presença constante dessa entidade. Afinal, ela se constitui diretamente da existência do povo. Não é apenas aquilo foi ou passou, mas uma força ativa que molda o presente e o futuro.

O Eyêê Kafuba, como casa da memória, age ativamente na salvaguarda e na documentação da história, das tradições e da língua materna. Nesse sentido, concordamos com José Reginaldo Gonçalves quando afirma que

[...] o patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. Essa categoria faz a mediação sensível entre seres humanos e divindades, entre mortos e vivos, entre passado e presente, entre céu e a terra e entre outras posições. Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas (Gonçalves, 2009, p. 31).

## Agradecimentos

Este texto foi produzido a partir da experiência na reforma e no restauro de espaços para a instalação do museu e do laboratório de línguas subsidiados pelo Edital Ceará da Cidadania e Diversidade Cultural – Museus Comunitários: memória e patrimônio (edição de 2022), da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult) e pelo apoio da Cultural Survival, por meio do Fundo Keepers of the Earth – Guardiões da Terra. Além disso, parte dos dados foi gerada na execução de dois projetos de pesquisa realizados junto à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e financiados com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Ceará por meio do edital PROPPG/Unilab no 03/2020 e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), via edital PROPPG/Unilab no 02/2022.

## Referências

- ABREU, R. Quando o campo é o patrimônio: notas sobre a participação de antropólogos nas questões do patrimônio. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 8, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1010>. Acesso em: 19 nov. 2025.
- BEZERRA, M. "As moedas dos índios": um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, Ilha de Marajó, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém do Pará, v. 6, n. 1, p. 57-70, 2011.
- CUNHA, M. C. da. Introdução a uma história indígena. In: CUNHA, M. C. (org.). *Introdução a uma história indígena*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992. p. 9-24.
- FABIAN, J. *O tempo e o outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.
- FERNANDES, R. de F. Povos indígenas e antropologia: novos paradigmas e demandas políticas. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, 2015.
- FERREIRA, L. M. Sob fogo cruzado: arqueologia comunitária e patrimônio cultural. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, v. 3, n. 1, 2015.
- GOMES, A. O. Por uma antropologia dos museus indígenas: experiências museológicas e reflexões etnográficas. In: CURY, M. X. (org.). *Museus e indígenas: saberes e ética, novos paradigmas em debate*. São Paulo: Secretaria da Cultura; Acam Portinari; Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016. p. 133-155.
- GOMES, A. O.; NETO, J. P. V. Projeto Historiando: inventários participativos e musealização do patrimônio cultural em comunidades indígenas no Ceará. *Revista MUSAS*, n. 8, p. 72-96, 2018.
- GOMES, A.; VIEIRA, J. P. A rede cearense de museus comunitários: processos e desafios para a organização de um campo museológico autônomo. *Cadernos do CEOM*, Santa Catarina, v. 27, n. 41, 2014.
- GOMES, A.; VIEIRA, J. P.; CURY, M. X. Relações (possíveis) museus e indígenas – em discussão uma circunstância museal. In: LIMA FILHO, M.; ABREU, R.; ATHIAS, R. (org.). *Museus e atores sociais: perspectivas antropológicas*. Recife: Editora UFPE, 2016. p. 149-170.
- GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p. 25-33.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOSKINS, J. *Biographical objects: how things tell the stories of people's lives*. New York: Routledge, 1998.
- KARÃO JAGUARIBARAS, G. (Francisco Gleidison Cordeiro Lima). *Povos indígenas e sítios arqueológicos no Maciço do Baturité, Ceará: a arqueologia indígena do povo Karão Jaguaribaras*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção (CE), 2023.
- KARÃO JAGUARIBARAS, G. (Francisco Gleidison Cordeiro Lima); LOPES, R. C. dos S. A arqueologia pública como ferramenta para proteção dos bens materiais



- e imateriais do povo Karão Jaguaribaras da Serra De Baturité, Ceará. In: REUNIÃO DA SAB NORDESTE, 6., 2020, [online]. *Livro de resumos* [...]. João Pessoa (PB): [S. n.], 2021. Disponível em: <https://hcommons.org/deposits/item/hc:35067/>. Acesso em: 19 nov. 2025.
- KARÃO JAGUARIBARAS, G. (Francisco Gleidison Cordeiro Lima); LOPES, R. C. dos S. Sítios arqueológicos, história indígena e etnogênese no Maciço de Baturité, Ceará. In: REUNIÃO DA SAB NORDESTE, 21., 2022, [online]. *Livro de Resumos* [...]. Diamantina (MG): [S. n.], 2022.
- KARÃO JAGUARIBARAS, M. (Maria Natália Assis Gomes). *Wúpy Taowá: vestindo-se de linguagens*. Ponta Grossa: UEPG/Proex, 2022.
- KARÃO JAGUARIBARAS, M. (Maria Natália Assis Gomes). *Inventário participativo arte Taowá (grafismos e pinturas) do povo indígena Karão Jaguaribaras*. Canindé, CE: Gráfica e Editora Canindé, 2023a.
- KARÃO JAGUARIBARAS, M. (Maria Natália Assis Gomes). *Arte indígena: uma abordagem das expressões dos grafismos e pinturas do povo Karão Jaguaribaras no Ceará*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção (CE), 2023b.
- KARÃO JAGUARIBARAS, M. (Maria Natália Assis Gomes). Taowás: expressões artísticas Karão Jaguaribaras. In: WILNER, R. (org.). *Rodas e redes interculturais: pesquisas em/sobre arte indígena no Nordeste*. Recife: Editora UFPE, 2024. p. 164-172.
- LIMA, T. A. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém do Pará, v. 6, n. 1, p. 11-23, 2011.
- NORA, P.; KHOURY, T. Y. A. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo*, v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 28 out. 2024.
- OLIVEIRA, J. E. de. (Re)aproximando os campos da Antropologia Social e da Arqueologia no Brasil: Etnoarqueologia em laudos antropológicos judiciais sobre terras indígenas em Mato Grosso do Sul. In: OLIVEIRA, J. P. de; MURA, F.; SILVA, A. B. (org.). *Laudos antropológicos em perspectiva*. Brasília, DF: ABA, 2015. p. 234-261.
- OLIVEIRA, J. P.; SANTOS, R. de C. M. *De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal*. João Pessoa: Editora UFPB, 2022.
- OLIVEIRA, M. A.; SANTOS, T. de L. P. Coletar aqui, coletar ali: o sistema dos objetos através dos Museus Domésticos. In: SANTOS, T. de L. P. (org.). *Patrimônio, história e cidades: olhares interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019. p. 41-54.
- PEARCE, S. M. *On collecting: an investigation into collecting in the European tradition*. London: Routledge, 1995. *Collecting Cultures*.
- PESAVENTO, S. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio Urbano. *Cadernos do LEPAARQ*, Pelotas, v. 2, n. 4, p. 9-18, 2005.
- SANTOS, A. F. M.; OLIVEIRA, J. P. D. *Reconhecimento ético em exame: dois estudos sobre os Caxixó*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006.
- SANTOS, S. S. Os Kanindé no Ceará: o museu indígena como uma experiência em

museologia social. In: CURY, M. X. (org.). *Museus e indígenas: saberes e ética, novos paradigmas em debate*. São Paulo: Secretaria da Cultura; Acam Portinari; Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016. p. 156-160.

SMITH, L. T. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

SOBRINHO, T. P. Algumas inscrições rupes-  
tres inéditas do estado do Ceará. *Revista do  
Instituto do Ceará*, Fortaleza, ano LXX, p. 115-  
143, 1956.

VAN VELTHEM, L. H. O objeto etnográfico  
é irreduzível? Pistas sobre novos sentidos e  
análises. *Boletim do Museu Paraense Emílio  
Goeldi. Ciências Humanas*, Belém do Pará, v.  
7, n. 1, p. 51-66, 2012.

VIDAL, L. *Grafismo indígena: estudos de  
antropologia estética*. São Paulo: Edusp,  
1970.

---

**Merremii Karão Jaguaribaras (Maria Nataliana Assis Gomes)** | Artista visual, curadora, ambientalista, escritora e pesquisadora. Graduada em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Graduada em Serviço Social (Faculdade Anhanguera). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar (MIH) da Unilab (bolsista Capes). Curadora no Museu Eyêê Kafuba. Membro do Grupo de Estudos com os Povos Indígenas (Gepi/Unilab-CNPq). E-mail: merremiikarao02@gmail.com. | Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9941749603553698>. | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1400-7177>.

**Gleidison Karão Jaguaribaras (Francisco Gleidison Cordeiro Lima)** | Pesquisador Karão Jaguaribaras. Bacharel em Humanidades e em Antropologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras da Universidade Estadual do Ceará (Uece) (bolsista Funcap) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/UFGA), com bolsa Capes. Curador no Museu Eyêê Kafuba. Membro do Grupo de Estudos com os Povos Indígenas (Gepi/Unilab-CNPq). E-mail: gleidisonkarao@gmail.com. | Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6555260036402385>. | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9770-5511>.

**Rhuan Carlos dos Santos Lopes** | Arqueólogo e antropólogo. Docente no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (IFCH/UFGA) e nos programas associados de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (PPGA/UFGA-Unilab). Vice-coordenador do Grupo de Pesquisa Cidade, Aldeia e Patrimônio (UFGA/CNPq) e membro do Grupo de Estudos com os Povos Indígenas (Unilab-CNPq). E-mail: rhuan.c.lopes@gmail.com. | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5191230783420771>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6372-6413>.

<< [Voltar ao início](#)